

Rousseau crítico da aparência (*Rousseau's critic of appearance*)

Larissa Sarmento Lira

Resumo:

Tendo por base o pensamento de Jean-Jacques Rousseau, sua crítica a aparência e um cenário histórico de um intenso jogo de frivolidades, uma lógica do excesso, obedecendo ao feérico ar do “Século das Luzes” o autor apresenta uma denúncia a princípio de caráter moral, mas com exigência sócio-política. Partindo do progresso das ciências, letras e artes, ataca erros e vícios e fortalece sua crítica contundente e radical a negação da verdade humana.

Palavras-chaves: Sociedade; Aparência; Virtude

Abstract:

Based on the thought of Jean Jacques Rousseau, his critique of appearance in a historical setting of intensive frivolity and a logic of excess, suiting the fantastical atmosphere of the "Age of Enlightenment", the author presents in at first a moral complaint , but with socio-political requirements. Starting from the progress of science, literature and arts, he attacks errors and vices strengthening his scathing and radical critique of the negation of human truth.

Palavras-chaves: **Society; Appearance; Virtue**

Em 1750, respondendo a uma questão proposta pela Academia de Dijon, que propunha para seu prêmio o seguinte tema: “O restabelecimento das Ciências e das Artes terá contribuído para aprimorar os costumes?”. Rousseau terá a oportunidade de fundamentar toda sua crítica que resultará em seu primeiro célebre Discurso sobre as Ciências e as Artes (1750), trazendo como estandarte a crítica às ciências e as artes, bem como aos filósofos, aos limites da razão, tendo como motivação principal a degeneração dos costumes.

Na primeira parte do Discurso sobre as Ciências e as Artes (1750) o autor começa por louvar todo o esforço do homem em conseguir sair do nada e dissipar-se às luzes, mas confere a este um valor mínimo em relação à maior dificuldade que é de “penetrar em si mesmo para estudar o homem e conhecer sua natureza, seus deveres e seu fim” (ROUSSEAU, 1978). É a partir de todo

esse progresso das ciências, letras e artes que Rousseau acaba por atacar erros e vícios, tentando sempre defender em primazia a virtude humana. Sua firme crença na bondade original do coração humano, seu desejo de preservar a inocência, seu profundo sentimento de justiça, genuíno espírito crítico, seu interesse pela preservação da virtude, seu amor à liberdade e sua paixão pela autenticidade, farão gerar no autor genebrino, todo um sentimento que se reverte em uma crítica que pretende universalizar os segmentos sociais da sociedade moderna, mais basicamente da sociedade parisiense, estratificada pelo primeiro estado, composto pela nobreza, segundo estado, composto pela burguesia e terceiro estado, composto pelos camponeses.

Nesse aspecto, Rousseau identifica a corrupção dos costumes presentes na aristocracia e na burguesia e a preservação dos mesmos na difícil vida do camponês, apresentando uma denúncia a princípio de caráter moral, mas ao mesmo tempo com exigência sócio-política. Conforme Rousseau:

A riqueza pode denunciar um homem opulento, e a elegância um homem de gosto; conhece-se um homem são e robusto por outros sinais – é sob o traje rústico de um trabalhador e não sob os dourados de um cortesão, que se encontrarão a força e o vigor do corpo (ROUSSEAU, 1978, p.p 335-336)

Essa citação deixa margem para o contraponto entre o homem simples que é o camponês e o homem civilizado, que se utiliza de disfarce para ocultar-se através de “máscaras”. A urbanidade dos costumes dá a aparência um valor de virtude sem que se possua nenhuma delas. A aparência e aos artefatos artificiais Rousseau dá o nome de “ornamentos vãos” estes “dificultam o emprego das forças do homem e só foram inventados para esconder uma deformidade qualquer” (ROUSSEAU, 1978).

Rousseau é um profundo crítico dos costumes urbanos, ele compreende que viver na cidade torna o ser humano massa de manobra. Massificação é sinônimo de rebanho. Só um olhar crítico como o de Jean-Jacques Rousseau é capaz de enxergar essa massificação que tem como conseqüência o desconhecimento, ou melhor, a indiferença a outra pessoa. As críticas a urbanidade dos costumes e a hipocrisia dela nascente não param por aqui. Ele é incisivo ao afirmar que:

Que cortejo de vícios não acompanha essa incerteza!
Não mais amizades sinceras e estima real; não mais
confiança cimentada. As suspeitas, os receios, os medos,
a frieza, a reserva, o ódio, a traição esconder-se-ão todo
o tempo sob esse véu uniforme e pérfido da polidez, sob
essa urbanidade tão exaltada que devemos às luzes de
nosso século (ROUSSEAU, 1978, p.336)

O outro enfoque que Rousseau apresenta é a denúncia dos governos que se utilizam dos frutos da civilização como ciências, letras e artes para manterem seus domínios sobre as massas. A decadência da nobreza feudal francesa dos séculos XVII e XVIII obrigou-a a criar um novo estilo de fazer política em vista da manutenção do poder baseado na aparência. Por aparência compreendemos a falsidade no viver e no agir, parecer ser o que não é. No que se denomina Antigo Regime, foram criados pela nobreza feudal ainda vigente nos séculos XVII e XVIII, determinados comportamentos baseados na hipocrisia. Comportamentos tais que interferiam não apenas na relação de nobre para nobre (domínio moral), mas incluía de forma abrangente a própria dominação política, tendo em vista que a nobreza arruinada só tinha o título com que se apegar. Ao papel da nobreza e da monarquia, somava-se um grande interesse em fascinar o público com um só objetivo: manter-se no poder. A vida era um grande palco que conseguia seduzir uma multidão famigerada. Não era dada importância à verdade dos atos, a aparência destes belos atos daria a quem praticasse respaldo social, fazendo do governante referência aos demais, pelo fascínio que causavam. A vida na corte era representação, uma grande encenação, lá a vaidade e a valorização dos gestos aparentes condicionavam esse teatro da vida real. E a todo espetáculo não faltava um público receptivo que o aplaudisse demonstrando uma aceitação velada que o impedia de enxergar a sua real situação de pobreza, no caso de povo. Ao povo não interessava questionar, pois a vida de aparências conseguia ludibriá-los a todo instante. A denúncia moral da aparência é associada à denúncia política. Conforme Rousseau:

Enquanto o governo e as leis atendem a segurança e o bem-estar dos homens reunidos, as ciências, as letras e as artes menos despóticas e talvez mais poderosas, estendem guirlandas de flores sobre as cadeias de ferro de que estão eles carregados, afogam-lhes o sentimento dessa liberdade original, para a qual pareciam ter nascido, fazem com que amem sua escravidão e formam

assim o que se chamam povos policiados. (ROUSSEAU, 1978, p.p 335-335).

Seria este o aspecto político da aparência, pois enquanto o governo se utiliza dela, dando um valor de virtude, utilizam-se das ciências, letras e artes para mascarar a escravidão humana. “Eis os frutos do gosto, adquiridos nos bons estudos e aperfeiçoados no comércio do mundo” (ROUSSEAU, 1978).

Janine Ribeiro expõe exemplos bem característicos dessa época: Luís XIV, o Rei Sol, é um dos principais protagonistas dessa realidade irreal. Ele, como ninguém conseguiu utilizar-se da aparência para se manter no poder, por meio de bailes cênicos e costumes polidos. Utilizando-se da vida representada, ele conseguia o apaziguamento dos ânimos de uma nobreza arruinada, mas que se mantinham pelos títulos de uma burguesia ávida de poder e do povo que lhes faltavam necessário. Conforme Janine Ribeiro:

Luís XIV gosta de dançar, uma das cenas sublimes em sua corte é quando o rei dança sozinho para a nobreza vê-lo. Seu sucessor, Luís XV é famoso pela destreza matinal; vinha a burguesia de Paris vê-lo aos domingos. Já Luís XVI no dizer da camareira de sua Rainha, Mme. Campan perdeu o trono e a vida por não saberem, ele e Maria Antonieta, dar a devida importância à etiqueta: a esse conjunto de regras, cujo sentido *político* está em intimidar pelo fascínio aos possíveis rebeldes. (RIBEIRO, 2002, p.p. 109-110)

O poder absoluto do rei era a balança, pois marca o ponto em que aristocracia feudal perdeu sua hegemonia e a burguesia ainda está por alcançar, o período é de contenção, de abrandar possíveis conflitos e impor novos padrões civis de conduta, o processo civilizatório dos costumes dar-se-ia por base na aparência. Não é por acaso que o teatro vai ter uma grande importância nos séculos XVII e XVIII, representando o auge de uma vida já representada. Rousseau vai encontrar no teatro a forma mais sutil de legitimação de uma sociedade de máscaras. Toda teatralização, encenação da vida real, já é consequência do grande disfarce que é a origem da sociedade. Essas objeções dizem respeito ao papel do teatro da época. O universo era de uma massa ludibriada que ficava encantada com os espetáculos que colocavam sempre a nobreza em destaque. As cenas e a poética exaltavam a glória da monarquia e a titulação dos nobres. Mesmo a mais ridícula das

situações representadas serviria de exemplo aos olhos do espectador. O universo social para Rousseau, especialmente Paris, o alvo de sua constante denúncia, é concebido como um aterrador *Mundo de Aparências*, máscaras, mentiras, caprichos, prazeres e ilusões. Todo esse cenário é palco para um grande espetáculo cênico e cínico da vida real, o que move o autor a construir sua radical concepção em relação ao teatro francês.

No seu primeiro Discurso Sobre as Ciências e as Artes (1750) já existem uma intenção favorável do autor para com a relação entre o estado de natureza e a rusticidade dos costumes, pois à medida que as artes avançam no sentido da perfeição, os homens se corrompem e afastam-se da vida simples que Rousseau identifica com o campo, fazendo da sua virtude um vício corrompido e depravado. Ele é muito enfático, ao montar a sua visão por base na dicotomia campo/cidade: o primitivo, sadio, rústico, natural, feliz e verdadeiro, será contrário a uma sociedade malsã, baseada na vaidade, polidez e na construção de costumes artificiais que deformam a virtude humana. “Antes que a arte polisse nossas maneiras e ensinasse nossas paixões a falarem a linguagem apurada, nossos costumes eram rústicos, mas naturais, e a diferença dos procedimentos denunciava, à primeira vista a dos caracteres” (ROUSSEAU, 1978).

O que ele quer, na verdade, é demonstrar como o homem civilizado foi submetido a uma situação contrária a sua natureza, perdendo sua verdade que inclui seus costumes e sua moral. Na medida em que o ser humano se preocupou demasiadamente em cultivar as ciências e as artes, esqueceu sua natureza. O homem rústico é o homem inocente, que não usa da sua sabedoria para envaidecer-se, é um sábio no sentido positivo do termo na proporção em que não perde tempo com bagatelas morais e especulativas, a sua simplicidade já é uma atitude moral. É também o homem ignorante aquele que nada sabe, mas é virtuoso perante o sábio letrado, pois em Rousseau a ignorância estará sempre ligada à virtude.

Uma apressada leitura fazia-nos pensar que Rousseau quer simplesmente desmerecer os frutos da civilização, como as ciências, letras e artes. Toda sua crítica não se estabelece a um total repúdio a função da razão, mas ele viu que

a faculdade do raciocínio foi-se invertendo, tomando rumos diversos, pois a maneira como concebiam era egoísta, cínica, desdenhosa e excludente para com as massas. Nesse ponto de vista, Rousseau rompe com o paradigma moderno, direcionando sua crítica aos sábios, pois como haveria destes serem honrados como virtuosos, possuindo vícios? Conforme Rousseau (1978): “Elogiará quem desejar a sobriedade dos sábios de hoje, quanto a mim, não vejo nisso senão um rebuscamento da intemperança, tão indigno de meu elogio quanto à simplicidade artificiosa de tais sábios”. Este saber estaria imerso na superficialidade, começando que suas falas não condiziam com as ações sobrecarregadas de vícios. Perdidos em “sutilezas metafísicas”, como o próprio Rousseau caracteriza-os, não se preocupavam com a verdade do homem e suas virtudes morais. Todo tempo Rousseau chama atenção do homem para que ele olhe a si mesmo com os olhos da verdade, de nada adianta parecer sábio e não examinar o que se pensa, o que se acredita e o que se sente. Rousseau (1999) ainda é mais enfático ao afirmar para nós que “existir é sentir; nossa sensibilidade é incontestavelmente anterior a nossa inteligência e tivemos sentimentos, antes de ter idéias”. Sendo assim Rousseau confere uma maior confiança à voz da natureza que à da razão, demonstrando que só escutando a voz do coração é que se pode tornar-se sábio por dentro e feliz por si só. A sua ênfase no sentimento como fundamento da existência o colocou como precursor do Romantismo. Os homens em suas grandes descobertas, enaltecendo a perfeição das artes generalizando princípios sobrecarregados de juízos e preconceitos, acreditam eles aguçam o espírito humano. Conforme Rousseau, nas *Cartas Morais* (2002):

A arte de raciocinar não é absolutamente o mesmo que a razão: freqüentemente é o seu abuso. A razão é a faculdade de ordenar todas as faculdades de nossa alma de forma adequada à natureza das coisas e às suas relações conosco. O raciocínio é a arte de comparar as verdades conhecidas para compor a partir delas outras verdades que ignorávamos e que essa arte nos faz descobrir. Mas ele não nos ensina de modo algum a conhecer as verdades primitivas que servem de elementos às outras, e quando em seu lugar colocamos nossas opiniões, nossas paixões, nossos preconceitos, longe de nos esclarecer ele nos torna cegos, não edifica a alma, mas exaspera e corrompe o julgamento que deveria aperfeiçoar. (ROUSSEAU, 2002, p. 41)

Todo exacerbo da razão e o menosprezo pelas atividades do espírito foram uma constante em parte da história da humanidade, Rousseau parte do pressuposto de um efeito que é certo, mostrando que a depravação moral é real, e nada nova, “os males causados por nossa vã curiosidade são tão velhos quanto o mundo”. (ROUSSEAU, 1978). Por isso, há a preocupação de Rousseau em fazer alusão à vida simples em contraposição ao luxo na vida de aparências. Ele quer nos mostrar que o bom, saudável e verdadeiro é o estado no qual os homens “vivem simplesmente”, contentando em satisfazer suas “verdadeiras necessidades”. Os primeiros homens viviam segundo a razão, mas amavam também a virtude que é incomparável ao luxo, que não pode ser visto como uma inclinação natural e sim como desvio. Neste instante a cidade moderna aparece como o contraponto negativo. Conforme Rousseau, na obra *Júlia ou a Nova Helóisa* (1760):

Meu objetivo é conhecer o homem e meu método o de estudá-lo em suas diferentes relações. Até agora vi-os só em pequenos círculos, espalhado e quase isolado na terra. Vou agora considerá-lo reunido em multidões nos mesmos lugares e começarei a julgar por esse ponto os verdadeiros efeitos da sociedade. (ROUSSEAU, 1994, p. 219)

Nesse romance publicado em 1760, o autor, mais uma vez, conflita o universo de ordem social ou moral, tratando de questões sociais, mas ao mesmo instante mostrando que o amor e a virtude reinam soberanos. Nesse romance temos três personagens centrais, Saint-Preux, Júlia e Clara. Saint-Preux é um professor de filosofia sem origem, Júlia e Clara faziam parte da aristocracia. Ao ensinar a Júlia, ambos se apaixonam, mas o amor não é consumado em matrimônio por causa de sua origem plebéia. Mas esse amor permaneceu muito embora em respeito ao pai e ao Sr Wolmar, a quem o pai obrigou-a a casar. Numa das cartas à Júlia, Saint-Preux apresenta um panorama de Paris do século XVIII, sendo o objetivo do autor poder relatar toda essa realidade, conhecer a sociedade, vivenciá-la, para só assim classificar os efeitos por ela produzidos. A cidade é aqui o caos, lugar onde também reina uma solidão horrível. O homem nela sente-se perdido pelo fato de não ter mais a liberdade que o enche de satisfação. Existe uma espécie de dificuldades na compreensão e absorção da fala, pois na cidade a linguagem falsa é

demonstração da polidez e de enganadoras aparências. É com o olhar voltado aos costumes parisienses que a crítica de Rousseau se estabelece. Seria nesta urbanidade local, onde o falar não condiz com o fazer, a boa vontade do rico em ajudar o pobre atrela-se a uma grande desigualdade social, é a cidade em que as formas desiguais resultam na mais suntuosa opulência ao lado de uma deplorável miséria. Conforme Rousseau:

Entro com secreto horror neste vasto deserto do mundo. Este caos oferece-me apenas uma solidão horrível onde reina um triste silêncio. Minha alma aflita procura expandir-se nele e por toda parte sente-se comprimida. Nunca estou menos só na multidão, onde não posso pertencer nem a ti nem aos outros. Meu coração desejaria falar, sente que não é ouvido; desejaria responder, nada lhe dizem que possa chegar até ele. Não compreendo a língua do país e ninguém aqui compreende a minha. (ROUSSEAU, 1994, p. 210)

Toda a elegância ao apresentar-se, em nada acrescenta no que diz respeito à aquisição dos bons costumes, não será nada mais que vã aparência, pois, quem fala não é o homem e sim o seu traje, tenta zelar por uma aparente verdade, mas a máscara do interesse se mostra com grande pompa. O homem aqui não é ele se adapta, mas essas adaptações são frívolas e nada tem de concreto, pois deve adequar-se a diferentes grupos e regras na intenção de sempre fazer jus a alguém. O ser flexível neste instante é sinônimo de deixar opaco seu espírito e ornamentar o exterior, e neste ditar de regras, surge o palco dos interesses particulares que se opõem entre si, dando margem às perpétuas intrigas. Particularmente, o mesmo ocorre, pois o homem pouco se preocupa em unir escrita, conversa e conduta, contradizendo-se a si mesmo. Conforme Rousseau (1994), “até agora vi muitas máscaras, quando verei rosto de homens?”. Longe se estava de ver verdadeiras ações humanas, pois as luzes, que deveriam estar em seu espírito, faziam de sua moral puro palavrório.

Toda instrução lançada pela existência social resultaria no pior possível à espécie humana, denegrindo sua natureza, pondo em seu lugar a vaidade e o vício. Muito se falava sobre sentimentos, mas à vista, tudo era incompreendido, o hábito toma o lugar da sensibilidade, se age por conveniência, o homem pouco se preocupa em ser ele próprio, preocupado somente em ser uma *persona* que representa. A representação nesse caso tira do homem a virtude

e a verdade de seus atos, a preocupação de cada um nesse instante deveria ser agir de acordo com a verdade que está no mais íntimo de seu coração, de nada adianta procurar no outro o que se pode encontrar em si mesmo. A partir do instante que o homem se preocupa em representar o que na verdade não é, utiliza-se das máscaras para um melhor resultado nas ações, o que poderia ter sem elas se não estivesse preocupado em agir de maneira contrária a sua natureza.

A verdade em Rousseau se identifica com a vida no campo, nas pequenas cidades, no estado de natureza, no íntimo sentimento humano, esta mesma atrela-se a bondade natural, a virtude, a felicidade e a simplicidade. E toda a sua crítica a aparência, nada mais é o que uma crítica contundente a negação da verdade humana.

Referências Bibliográficas

RIBEIRO, Renato Janine. A Glória. In: NOVAIS, A. (Org.). **Os Sentidos da Paixão**. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre as Ciências e as Artes**. São Paulo: Abril Cultural, 1978 a. Col. Os Pensadores.

_____. Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os hímens**. São Paulo: Abril Cultural, 1978 b. Col. Os Pensadores.

_____. Jean-Jacques. **Emílio ou a Educação**. São Paulo: Martins Fortes, 1999.

_____, Jean-Jacques. **Júlia ou A Nova Heloísa**. São Paulo: Hucitec, 1994.

